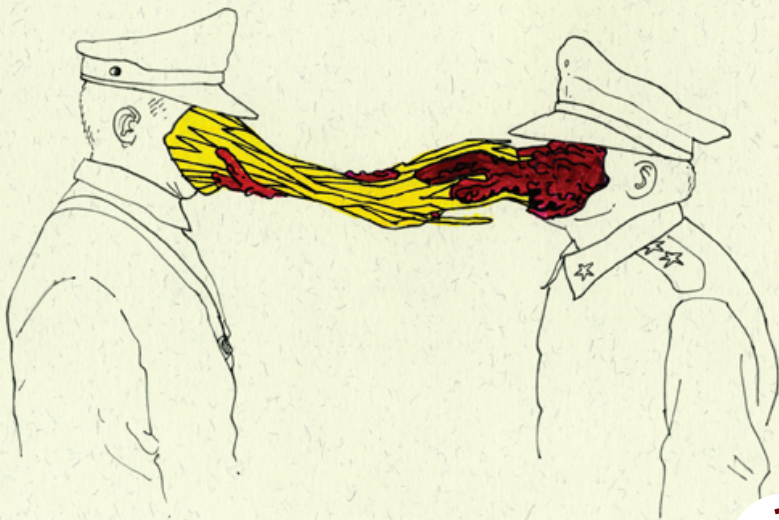


# IRA!

## VIVENDO E NÃO APRENDENDO

Recontado por VITOR PACHECO



**MOJO**  
BOOKS

**2**  
anos  
2006  
2008

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

# VIVENDO E NÃO APRENDENDO

VITOR PACHECO

uma história inspirada por  
**VIVENDO E NÃO APRENDENDO**  
IRA!

---

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008  
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY VITOR PACHECO

PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

---

# VIVENDO E NÃO APRENDENDO

## VITOR PACHECO

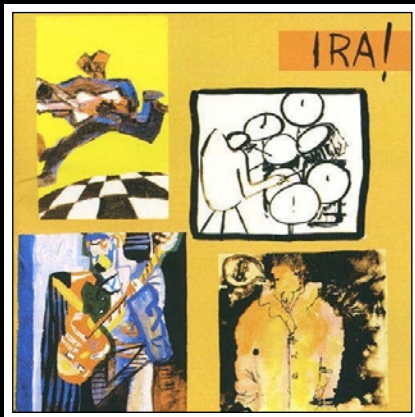
EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **RAFAEL COUTINHO**

---



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Envelheço na cidade
2. Casa de papel
3. Dias de luta
4. Tanto quanto eu
5. Vitrine viva
6. Flores em você
7. XV anos
8. Nas ruas
9. Gritos na multidão
10. Pobre paulista

---

## VIVENDO E NÃO APRENDENDO IRA!

LANÇAMENTO: **1986**  
SELO: **WEA**

---



# VIVENDO E NÃO APRENDENDO

VITOR PACHECO

# SÓ DEPOIS DE MUITO TEMPO

Olhando o mar de Praia Grande lá em baixo, o homem teve aquela sensação de novo. Parecia que era eterna essa procura por satisfação, seu infinito desejo de mudar seu passado. O que ele teria deixado para trás desta vez? Do que ele estaria arrependido? O que estaria errado?

Desde que havia voltado de longe, ele queria porque queria olhar o mar de Praia Grande. Ali, naquelas águas, ele procuraria fagulhas do passado e reviveria tudo aquilo que viveu de forma tão injusta. Seria mais uma luta entre o que aconteceu e o que poderia ter acontecido. A eterna guerra.

Nesse mar de pensamentos, lá em alguma profundidade, estavam afogadas verdades. Lembrava de seu pai. Ali naquele mar o velho pescava, e nunca o homem esteve junto pra poder lembrar agora. Eram esses “nuncas” que mais pesavam nos ombros daquele sujeito. Naquele tempo ele era só filho. E então, por que vivia fugindo? Seu pai estava ali, falando, mas a sina da vida do homem é viver fora do tempo. Viver do passado. Viver sem aprender.

Por conta da humanidade na personalidade do pai, criou-se um inimigo inexistente. Não ouvia o velho. Desdenhava das histórias e conselhos de seu pai. Era como se o outro fosse apenas uma figura obrigatória, mas que não tinha nenhuma graça. E agora, mais uma vez, o homem, na beira de um penhasco, estava arrependido.

A verdade é que esse desperdício de vida foi a tônica de sua vida. Não foi assim somente com o pai, foi assim com a juventude, com os estudos, com quase tudo. Aquele cara carregava consigo uma frustração por tudo que não tinha feito ou o que tinha feito com medo demais.

Chegou mais perto do penhasco e estudou se o salto seria o último.



# ENVELHEÇO NA CIDADE

O irmão lhe aguardava no aeroporto. Um abraço tímido. Alguma coisa sobre o tempo foi comentada. No carro, a caminho de casa, algumas lembranças clássicas de infância foram revividas.

— Deixando as coisas em casa, eu gostaria de visitar uma praia.

— Praia Grande?

— Pode ser!

— Mas vamos amanhã. Hoje é teu aniversário e nós temos que preparar todos os detalhes do churrasco.

Os dois sabiam que aquela seria uma tarde nostálgica. O homem temia justamente isso.

— Quantos anos mesmo?

— Adentrei os quarenta.

— Quem diria! Meu irmão está envelhecendo.

Os dois sorriram. Lá fora a paisagem mostrava o que não faltava aos felizes jovens daquela ilha: mar e céu azul. Mais uma vez aquela sensação aflorou no coração do homem.

Em casa, abraços, conversas, sorrisos. O churrasco rolou com violão e cantoria. Era bom esquecer as preocupações e mergulhar naqueles momentos de descontração. Todos os irmãos estavam ali. Eram quatro ao todo. A mãe

perguntou da neta e da nora. O homem disse que estavam bem. Compromissos de trabalho inviabilizaram a vinda das duas.

— Mentir agora é o mínimo que posso fazer! — pensou o homem.

Na verdade, na sua cabeça ainda ecoavam os gritos lá em São Paulo. Ele sabia que os motivos de seu desemprego eram a ganância, os cifrões, os malditos cifrões. Sua esposa, agora única fonte de renda, não estava em condições de tirar férias.

Ninguém sabia, mas havia um plano na mente daquele homem. Um plano derradeiro.

# EU QUERO VER GENTE DA MINHA TERRA

Depois do churrasco, da cantoria entre irmãos e da preguiça, o homem teve vontade de sair e espairar um pouco. Convidou o irmão mais novo pra caminhar com ele.

Passaram pelo campinho onde jogaram bola quando pequenos. Ali, agora, estava um prédio alto.

— Quantas vezes deixei de vir jogar aqui por pura preguiça! — pensou o homem.

Ele precisava parar com aquilo, ele transformava tudo em lamentos. Havia também dentro dele a certeza que certas coisas acontecem de qualquer jeito, mas não todas as coisas... a maioria, talvez. Convencimentos para acalmar a alma.

As pessoas que circulavam eram estranhas. Onde estava a senhora da praça? O motorista de táxi que sempre aparecia por ali? Vinte anos mudam muita coisa. Tudo parecia menor, mais seco e sem vida. Só um rapaz meio distante remeteu o homem ao passado. Um rapaz com o capucho da blusa na cabeça. Era assim que o próprio homem andou naquelas ruas. Sem olhar nos olhos de ninguém. Debaixo de sua proteção e longe de tudo. De novo, os erros eram presentes. Ele deveria ter olhado mais nos olhos daqueles que outrora ali caminhavam.

# POBRE DE TI, IRMÃO

O irmão, companheiro de caminhada, percebeu ares de temporal nos olhos do homem.

— Algum problema, velho? — perguntou secamente.

Após uma pausa, veio a resposta:

— Não, nada... você acha a saudade uma coisa boa ou ruim?

— Depende. Se você se sente bem ou não. - e completou, perguntando:

— Do que você sente saudade?

— De tudo e de nada.

O irmão abriu uma espécie de sorriso e tentou desconversar.

— Larga disso cara, que ataque de nostalgia bobo é esse? Está tudo bem, você precisa viver aqui e agora!

Aquele conselho tão seco e verdadeiro chegou a corar o rosto do homem. Sentiu-se uma criança boba, escondendo seu desemprego e choramingando suas frustrações. Levantou-se do banco da praça onde estava sentado e dissimuladamente e sorriu dizendo:

— Você tem razão. Acho que esse negócio de fazer aniversário vai ficando pior com o tempo, né?

— É, tem lógica. — completou o irmão.

Andaram mais uns três quarteirões. Lá passaram pelo velho casarão

onde, no passado, funcionava o clube dançante. Aquele lugar trazia muitas lembranças especiais. Anos 80, primeiras saídas à noite, primeiras paqueras. Talvez aquele fosse o mais memorável local da juventude daquele homem.

— Há quanto tempo está fechado? — perguntou ao irmão.

— Não tenho certeza. Mas acho que há uns cinco anos.

— Mas não era a mesma coisa nos últimos anos de funcionamento, né?

— Não, não. Estavam só fazendo umas apresentações religiosas no local.

O homem ficou olhando para o casarão. Pessoas vieram na sua lembrança. Garotas, músicas e até perfumes. Apanhou-se sorrindo. “Eu deveria ter sido mais seguro”, pensou.

O irmão interrompeu seu pensamento dizendo:

— Já está ficando tarde. Vamos antes que escureça muito.

# EIS O HOMEM QUE SE APANHA CHORANDO

Na volta, quando a noite estava presente, o homem foi ter com sua mãe. Falaram sobre coisas diversas. O homem gostava de conversar com sua mãe. Era simples. Ela era sua mãe e sua função era ouvir e respeitar. Tentar divertila era o desafio. Não poderia haver conversa mais simples.

Os assuntos eram em geral sobre a família. Às vezes conversavam sobre novelas e programas de TV. Naquele instante o homem deu férias aos seus problemas. Pensou: “isso me faz ganhar tempo! Pensar em coisas leves. Seria possível, eu tentar pensar o resto da vida em futilidades e assim sobreviver ao meu próprio calvário?!”

Em pensamento, ele mesmo deu sua resposta: “pois sei que não. Pois minha vida toda foi isso. Disfarçar minhas angústias com “pedaços” de pequenas ilusões.”

A mãe, perspicaz, percebeu algo no semblante do filho.

— O que foi? Ficou carrancudo...

Ele sabia que seu desemprego a deixaria muito preocupada. Mas isso não lhe doía. Então como explicar que estava triste, muito triste? Como explicar que, no dia seguinte, ele iria partir?

— Hã? Não, não... acho que estou com sono. Meus olhos até têm lágrimas.

Cansaço da viagem, com certeza.

# QUERO VIVER MEU PRESENTE

Na cama, no silêncio da madrugada é que as dores ficam mais fortes. O homem insone pensava no dia que estava começando. O plano em sua cabeça não o deixava relaxar.

“Por que descansar agora se amanhã terei uma eternidade para isso?”  
Esse era seu pensamento.

Aos poucos sua insônia foi se transformando em desconforto e deste passou para medo e pânico. Convenceu-se de que o melhor remédio naquela hora seria recapitular suas neuroses. Ele deveria então lançar a si mesmo uma série de questões: “O que me aflige? O que me faz sofrer?”

Ali dentro de seu peito estava escondida alguma coisa. Deveria vasculhar. Naquela labuta, pensou no futuro, nos dias da semana, nos anos que viriam.

“O que poderia me salvar?”

Pensou na filha de seis anos. Sentiu-se culpado. Mas não sentiu alívio algum. Seu plano estava lá. Esperando por ele na Praia Grande. Provavelmente no fundo daquele mar. A última vez que olhou o relógio passava das quatro da manhã. Encolheu o corpo e ficou pensando no dia que havia passado.

Acordou no susto, estava sonhando com pinturas. No seu sonho, quatro homens desenhados queriam lhe dizer algo. Aquelas gravuras, cada uma ao seu modo, diziam ao homem:

— Viva seu presente. Apenas viva seu presente!

Ele sentou na cama e sentiu um leve alívio.

Na sala havia a chave do carro e um bilhete:

*Meu irmão, vai com meu carro lá na Praia Grande. Cheguei tarde e quero dormir. Depois outro dia irei lá com você! Um abraço!*

*Irmão*

Pegou a chave e foi até a cozinha onde sua mãe o aguardava com uma xícara de café fumegante.

— Mãe!? Que vestido é esse?

— Desencavei do guarda roupa. Achei que as flores combinariam com este belo dia de primavera! — ela respondeu.

— Gostei. Deveria fazer isso mais vezes.

A mãe sorriu e emendou:

— Quem fala! Até parece que você não estava longe por mais de cinco anos!

Ela tinha razão. Baseado em quê ele deveria analisar as roupas que ela usara nos últimos anos? Mas ela não entendeu sua intenção. Ele apenas queria fazê-la sorrir. E deu certo.

A temperatura do sol estava agradável o céu era muito azul. Um bom dia para partir. O homem não tinha idéia, mas ele estava se sentindo estranhamente bem para executar seu último plano.

Disse pra mãe que planejava visitar a Praia Grande. Ela o beijou e completou dizendo que à tarde faria um bolo.



# ESPERANDO RESPOSTAS CAÍREM DO CÉU

Com certeza aquele salto seria o último.

Seus pés estavam muito perto do final do penhasco. Aquele ponto da estrada nem exigia pular algum obstáculo, nem nada. Bastava alguém caminhar ali na direção errada e logo estaria em queda no meio de muito mato e cascalhos. Lá embaixo, mais adiante, o mar agitado da Praia Grande parecia estar de braços abertos e chamando.

“Vai ser mais fácil do que eu pensava!” - refletiu.

Sentiu na brisa que beijou seu o rosto que ali estava mais frio. Levou as mãos aos olhos. Lágrimas, muitas lágrimas. Não tinha percebido o quanto estava chorando. Estava prestes a se atirar. Pensou no pai mais uma vez. Na solidão de sua alma. Na pobreza de seus sentimentos. Ficou com um pouco de raiva de si mesmo.

Por que estava titubeando? Estaria esperando respostas daquele céu azul? Olhou ao redor. Tudo vazio, nem uma alma pra presenciar seu fim. Avistou apenas o carro emprestado do irmão.

O carro estava a pouco mais de quarenta metros do local... Ainda tinha a porta escancarada. O homem decidiu voltar, ao menos para fechar a porta. No momento que se agachou para arrumar o cinto de segurança e fechar o veículo, avistou uma pequena caixa amarela debaixo de um casaco no banco

do carona. Esticou o braço e pegou um objeto.

Difícil descrever o sentimento quando pegou aquilo na mão. Era um embrulho com um bilhete com seu nome. Era uma caixa de CD. Um CD do IRA!, Vivendo e não aprendendo. Era um presente de seu irmão. Aquele era um dos discos que ele adorava na sua adolescência, no entanto parecia que há uma eternidade não ouvia aquelas músicas. Ele lembrou de seu vinil. “Mas por que motivo eu me desfiz de todos os meus vinis?” — reclamou pra si mesmo.

Olhou o nome do CD, pensou em coincidências, em sinais, olhou as gravuras da capa, lembrou do sonho. “Viva seu presente!” Resolveu ouvir: acionou o aparelho na função random e sentou na grama ao lado do carro.

A primeira canção sorteada foi a de número sete. Começaram com os acordes e com os acordes viriam os versos: “Juventude, renascimento, felicidade, amor como alimento, tudo soou fácil, tudo tão pronto e tão sereno.”

Ali, sentado e olhando para a Praia Grande, os primeiros versos daquela canção pegaram o homem no colo e lhe salvaram a vida. Pela primeira vez sentia-se no presente, com os pés no chão, ouvindo uma música de sua adolescência. Como um passe de mágica, palavras mágicas, guitarras imponentes, baixo poderoso, batida forte.

E assim foi quando começou “Flores em você”, “Nas ruas”, “Gritos na multidão”, “Casa de Papel”, em cada acorde vinham respostas. Na cabeça do homem, agora, só surgiam sua filha e sua esposa pra olhar aquele mar junto com ele. Ele vivia o momento, ele estava no lugar certo e na hora certa. Boas e más recordações diziam um dos diversos versos daquelas canções. Sim, era

isso. A resposta. Temos de viver nossa vida, o passado serve pra triturar e comer como aperitivo nos aniversários, nos churrascos e nas festas que ainda viveremos.

Alguém se jogou sim, daquele precipício. Mas não foi o homem. Ele tinha um bolo e uma vida lhe esperando em outro lugar.

Lá no fundo da água fria da Praia Grande morreu abandonada a sereia que me chamou por todo esse tempo.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)